



11º Encontro Internacional de Política Social 18º Encontro Nacional de Política Social

Tema: Entre o capital e a vida: questão social,
crise ambiental e resistências

Vitória, ES, Brasil, 18 a 20 de agosto de 2026

Eixo: Classe Trabalhadora e mundo do trabalho

A energia feminina a serviço do Capital através do TikTok

Jaqueline Mercier Nunes¹

Resumo: O presente artigo analisa o fenômeno contemporâneo das *tradwives* nas plataformas digitais, com foco na estetização da domesticidade e na retórica da energia feminina como ferramentas funcionais à lógica neoliberal. Ao analisar duas das maiores influenciadoras desse estilo, Hannah Neeleman e Nara Smith, investiga-se como a nostalgia e a simplicidade são convertidas em mercadorias de luxo, operando uma sofisticada monetização do trabalho reprodutivo. Fundamentado nas teorias de Silvia Federici (2017) e Heleieth Saffioti (2013) sobre a exploração do trabalho feminino, e na crítica de Catherine Rottenberg (2018) ao feminismo neoliberal, o trabalho discute como a performance da esposa tradicional privatiza o cuidado e desonera o capital das responsabilidades de reprodução social. Conclui-se que o movimento, embora se apresente como um refúgio ao caos do mercado de trabalho, reitera a subjetividade neoliberal ao transformar a vida privada em um espetáculo de consumo e performance, evidenciando a urgência de retomar a autonomia política e econômica feminina frente ao essencialismo de gênero.

Palavras-chave: energia feminina; tradwives; neoliberalismo.

Feminine energy at the service of Capital through TikTok

Abstract: This article analyzes the contemporary phenomenon of *tradwives* on digital platforms, focusing on the aestheticization of domesticity and the rhetoric of feminine energy as functional tools for neoliberal logic. By analyzing the two most prominent influencers of this style, Hannah Neeleman and Nara Smith, this study investigates how nostalgia and simplicity are converted into luxury commodities, operating a sophisticated monetization of reproductive labor. Grounded in the theories of Silvia Federici (2017) and Heleieth Saffioti (2013) regarding the exploitation of female labor, and Catherine Rottenberg's (2018) critique of neoliberal feminism, the study discusses how the traditional wife performance privatizes care and relieves capital of social reproduction responsibilities. The article concludes that this movement, while presenting itself as a refuge from the chaos of the labor market, reinforces neoliberal subjectivity by transforming private life into a spectacle of consumption and performance, highlighting the urgent need to reclaim female political and economic autonomy in the face of gender essentialism.

Keywords: feminine energy; tradwives; neoliberalism.

1 Introdução

A construção histórica da identidade feminina no Ocidente é indissociável de um processo pedagógico e disciplinar que naturalizou a função do cuidado como um atributo intrínseco à mulher. Conforme Beauvoir (2009), a condição feminina não é um destino biológico, mas uma elaboração cultural, “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (Beauvoir, 2009, p.361). Nesse sentido, os papéis de gênero foram estruturados para destinar o sexo feminino à esfera privada, na qual a dedicação aos homens e aos filhos não é vista como trabalho, mas como a realização de uma essência transcendental

¹ Mestranda em Política Social, na UFVJM/UFF, mercierjaquelinen@gmail.com

que subordina a subjetividade da mulher às necessidades da reprodução social e do núcleo familiar (Federici, 2017).

Foi exatamente este processo que ocorreu no cenário brasileiro no período de transição do Brasil rural para a modernidade industrial, é justamente neste momento que Rago (1985) detalha como o projeto das elites buscou domesticar a classe trabalhadora através de uma reforma moral profunda, tendo as mulheres como principal agente. Rago demonstra que a disciplina fabril não se limitava ao chão da fábrica, mas estendia-se para o interior das moradias, onde a mulher deveria ser convertida em uma operária do lar. O objetivo era substituir a sociabilidade perigosa dos cabarés e das ruas pela ordem do espaço doméstico, transformando a mulher na principal agente de vigilância e reprodução da força de trabalho, garantindo que o homem e os filhos estivessem aptos e dóceis para as exigências do capital em expansão.

Por caminhos sofisticados e sinuosos se forja uma representação simbólica da mulher, a esposa-mãe-dona de casa, afetiva mas assexuada, no momento mesmo em que as novas exigências da crescente urbanização e do desenvolvimento comercial e industrial que ocorrem nos principais centros do país solicitam sua presença no espaço público das ruas, das praças, dos acontecimentos da vida social, nos teatros, cafés e exigem sua participação ativa no mundo do trabalho (Rago, 1985, p. 62).

A autora demonstra como a colonização da mulher foi utilizada para domesticá-la e convencê-la de que ela é um ser especial e deve, quase que como um destino inexorável, ser a educadora e disciplinadora do homem operário, até porque, como o ditado popular sugere: “por trás de um grande homem, sempre tem uma grande mulher”. Além do papel disciplinador, a mulher também desempenha o papel de suportar os possíveis desvios que este homem possa cometer, uma vez que é a ela que cabe o papel de cuidar do âmbito familiar, dos membros da família e é responsável por ofertar todo aporte emocional, afetivo e psicológico que este homem (e seus filhos) necessitem.

Obviamente que, neste ponto, falando de Brasil, precisamos fazer um recorte de classe e raça, tendo em vista que as mulheres que permaneciam e permanecem em casa para realizar os afazeres domésticos, é a mulher branca de classe média, a mulher negra e pobre sempre precisou trabalhar e, neste caso, continuará trabalhando, contudo, cumprindo duplas ou triplas jornadas (Saffioti, 2013). Este trabalho será explorado pelas mulheres brancas da elite, que terceirizam o labor doméstico e o cuidado, a partir disso temos, no Brasil, a figura da empregada doméstica e o famigerado “quartinho de empregada”.

Feito este adendo, prosseguimos na análise, deixando claro que este debate acerca da mulher dona de casa que permanece no lar cuidando dos filhos é um debate sobre a mulher branca de classe média. Destarte, essa arquitetura social do cuidado e do trabalho doméstico, bem como o papel disciplinador da mulher, utiliza diversas justificativas para difundir e sustentar essa estrutura. Uma dessas justificativas é a invenção do amor materno, conceito que Elisabeth Badinter (1985) problematiza, a autora argumenta que a dedicação incondicional aos filhos, longe de ser uma inclinação natural, foi uma noção fomentada por discursos filosóficos e políticos do século XVIII para garantir a sobrevivência das crianças, as quais se tornarão futuramente mão de obra. Ao elevar o amor materno ao status de dogma biológico, a sociedade criou uma ferramenta de opressão psíquica que culpabiliza a mulher que não prioriza o cuidado alheio em detrimento de si mesma. Afinal, o homem nunca é acusado de egoísmo, a mulher sim.

Esta estrutura patriarcal brasileira sofreu um golpe na década de 70 e 80 quando ocorreu uma entrada em massa de mulheres no mercado de trabalho, quando a transição definitiva do Brasil para um país urbano exigiu que as mulheres de classe média buscassem maior escolarização e o ensino superior, ao mesmo tempo em que a crise econômica subsequente ao Milagre Econômico durante a Ditadura Militar elevou o custo de vida, tornando o ideal do homem provedor único uma impossibilidade financeira (Castro; Rettenmaier, 2014).

Nesse cenário, o movimento feminista da época atuou como um catalisador ideológico, ressignificando a necessidade econômica de duas rendas como um projeto de autonomia e libertação política. Contudo, como adverte Saffioti (2013), essa entrada em massa no mundo produtivo não desfez os laços da subordinação doméstica, ao contrário, o capitalismo aproveitou essa conjuntura para integrar a mão de obra feminina mantendo-a sob o peso da dupla jornada, evidenciando que a busca pela emancipação feminina foi, muitas vezes, capturada pelas necessidades de sobrevivência e acumulação do capital.

Com o acirramento da crise capitalista e a expansão da ideologia neoliberal, as mulheres começaram a questionar seu papel na sociedade. Tendo em vista, a dupla/tripla jornada de trabalho feminino, as mulheres passaram a recalculiar os fatores: será que ser uma profissional de sucesso, cuidar dos filhos e trabalhar em casa é realmente melhor que apenas ser uma dona de casa? A vida não era melhor quando minha preocupação era apenas criar meus filhos e arrumar a casa? Segundo Badinter (2011)

houve um retrocesso no pensamento feminino, devido a toda sobrecarga de trabalho, as mulheres começaram a buscar a saída no discurso biologisante, que exalta o papel da mãe/cuidadora em detrimento da mulher profissional.

Este retrocesso será manifestado nas redes sociais, principalmente no Tik Tok, através das *tradwives*, mulheres performando o cuidado em vídeos com filtros suaves e trilhas sonoras bucólicas, que romantizam a submissão e o trabalho doméstico integral. Elas vendem a ideia de que escapar do mercado de trabalho para servir ao marido é um ato de autocuidado, omitindo a dependência econômica e a vulnerabilidade política, e utilizando da suposta “energia feminina” para embasar tais performances.

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo qualitativo de natureza exploratória e analítico-interpretativa, fundamentado na tradição crítico-dialética e estruturado a partir da articulação entre revisão bibliográfica e análise de conteúdo digital. O corpus empírico foi delimitado aos perfis das influenciadoras Hannah Neeleman (@ballerinafarm) e Nara Smith (@naraazizasmith) na plataforma Tik Tok, selecionadas devido à ampla relevância algorítmica e à centralidade na difusão da estética tradwife. O recorte temporal compreende o período entre 2023 e 2025, sendo analisadas publicações relacionadas à domesticidade, maternidade, feminilidade tradicional e monetização da vida privada. O procedimento metodológico adotado consistiu na análise temática de conteúdos visuais e textuais, observando elementos como estética audiovisual, performatividade do cuidado, estratégias de consumo e representações do trabalho reprodutivo. A investigação foi organizada em quatro eixos analíticos centrais: estetização da domesticidade, romantização da reprodução social, monetização da vida privada e captura neoliberal da subjetividade feminina. Como limites da pesquisa, destacam-se a impossibilidade de acesso aos mecanismos internos do algoritmo da plataforma e a ausência de instrumentos capazes de mensurar diretamente os impactos subjetivos produzidos nos seguidores a partir dos conteúdos analisados.

Diante desse cenário, o presente artigo tem como objetivo central analisar como a performance das *tradwives* nas plataformas digitais atua como uma estratégia sofisticada de monetização da domesticidade e de desoneração do capital em relação aos custos da reprodução social. Busca-se desvelar as camadas ideológicas que transformam o trabalho reprodutivo em um produto de luxo e a submissão em uma escolha estética de alto valor. Para nortear esta investigação, estabelece-se a seguinte pergunta de pesquisa:

de que maneira a retórica da energia feminina e a estetização da vida privada operadas por influenciadoras como Hannah Neeleman e Nara Smith capturam a subjetividade feminina, convertendo o refúgio doméstico em uma ferramenta funcional à lógica de acumulação neoliberal?

2 Desenvolvimento

O retorno ao ideal da dona de casa feito pelas *tradwives* dialoga com a crise de sentido em um mundo digital acelerado. A nostalgia, a busca por simplicidade e as redes sociais, foram alguns dos elementos responsáveis por promover este movimento. Soma-se a isso a grande sobrecarga de trabalho feminino, muitas mulheres perceberam a dificuldade em conciliar trabalho, tarefas domésticas e cuidado com os filhos/família, além do próprio auto cuidado que devido a pressão estética não pode ser negligenciado (Badinter, 2011).

O movimento das *tradwives* utiliza as redes sociais para transformar a domesticidade em um espetáculo visual, os vídeos com uma estética específica (vestidos florais, bolos perfeitos, tons pastéis) servem para tornar mais palatável a ideologia de submissão radical ao marido. Hannah Neeleman, é uma das maiores influenciadoras deste nicho, em seu perfil do Tik Tok chamado @ballerinafarm, ela conta com mais de 10 milhões de seguidores, e posta diariamente sua rotina de afazeres domésticos e cuidado com os 9 filhos. A princípio, no canal Ballerina Farm, Hannah não falava, apenas filmava sua rotina com aquele tom de filme da década de 50. Contudo, após muitas críticas sobre seu conteúdo, ela começou a aparecer nos vídeos conversando com os filhos e falando sobre sua rotina de dona de casa.

Hannah alega “estar vivendo um sonho” e posta sua rotina fazendo bolos, colhendo alfaces na horta, produzindo queijos artesanais, fazendo pizzas em seu forno industrial com um estilo vintage, entre outros afazeres domésticos, sempre com seus filhos ao redor ajudando ou, no caso dos bebês, dormindo na bolsa-canguru presa ao seu corpo. A influenciadora mora em um rancho no Estado de Utah nos Estados Unidos e em todos os vídeos percebe-se um mesmo padrão estético, ela opera através de uma gramática visual que transmuta o trabalho doméstico exaustivo em um espetáculo de consumo contemplativo. A narrativa audiovisual é estruturada em ciclos de transformação da matéria-prima, como o manejo do leite cru para a fabricação artesanal de queijos, e

utilizando recursos de ASMR (som ambiente enfatizado) que cria uma aura de serenidade e controle sobre o tempo. A influenciadora posta cerca de 3 a 5 vídeos semanais no *feed* do Tik Tok, além de postar vídeos diários nos *stories*, para dar a sensação de cotidiano e criar um laço de intimidade com o público.

Todavia, essa aparente simplicidade é mediada por marcadores de status de alto custo, como o fogão francês Aga e utensílios de cobre, configurando um status, marcando a posse de um tempo livre capaz de realizar tarefas manuais desnecessárias em plena era da produtividade. Conforme Federici (2017), essa performance promove o que se pode chamar de fetichismo da domesticidade, pois ao omitir as etapas degradantes da limpeza e focar exclusivamente no labor criativo e bucólico, a influenciadora apaga a dureza do trabalho reprodutivo, apresentando a re-domesticação da mulher como um privilégio estético e desonerando o capital de sua responsabilidade sobre a reprodução social ao naturalizá-la como um dom feminino.

Além disso, Hannah propositalmente omite alguns detalhes de sua vida, como o fato de seu marido Daniel Neeleman ser um herdeiro milionário de uma grande companhia aérea, além de ser CEO da empresa Ballerina Farm. Ou o fato de possuir uma equipe por trás dos vídeos que grava e dos produtos artesanais que supostamente produz. Ou seja, a suposta dona de casa na verdade é uma grande empresária que utilizou das redes sociais para gerar um desejo por seus produtos. A empresa Ballerina Farm é uma operação comercial robusta que vende produtos artesanais: cortes de carne bovina e suína, queijos artesanais, farinhas especiais e kits para fazer pães de fermentação natural, além de utensílios de casa e cozinha como panelas de ferro fundido, aventais vintage, sabonetes naturais e potes de vidro *aesthetic*.

A Ballerina Farm serve como um estudo de caso emblemático para a análise do capital no contexto neoliberal, ao converter a nostalgia e a simplicidade em mercadorias de luxo altamente rentáveis. Nos vídeos em que posta no Tik Tok ela divulga o arroba de sua loja @ballerinafarmstore e frisa o quanto seus produtos são orgânicos e saudáveis, vendendo também um estilo de vida saudável. Destarte, através de uma sofisticada monetização da domesticidade, o discurso visual focado no retorno às origens mascara uma robusta estrutura de *e-commerce* que transfigura o trabalho doméstico e materno em marketing de influência.

Essa conversão da vida privada em mercadoria evidencia-se na integração orgânica entre os conteúdos e a venda direta: nos stories e na bio do perfil, links de redirecionamento conectam o espectador à loja oficial, onde a simplicidade ganha preço. O catálogo oferecido pela Ballerina Farm não se restringe a gêneros alimentícios, como cortes de carne bovina e suína ou queijos artesanais, mas estende-se a um estilo de vida materializado em utensílios de cozinha de alto valor, como panelas de ferro fundido, aventais de estética vintage e kits para panificação de fermentação natural. Nesse cenário, o consumo ultrapassa a dimensão utilitária dos produtos, vendendo, fundamentalmente, o acesso ao mito de uma autossuficiência feminina idealizada na natureza. Assim, a marca demonstra como o capitalismo contemporâneo coloniza a esfera privada, transformando a performance da vida simples em um símbolo de status que reitera as lógicas de acumulação sob uma estética rústica e despolitizada (Rottenberg, 2018).

Nara Smith, outra grande influenciadora do Tik Tok, com mais de 12 milhões de seguidores posta seus vídeos com a mesma estética de esposa tradicional, contudo, seus vídeos possuem uma aura sensual, sempre falando sussurando, com uma música suave de fundo e roupas exageradas. Ela se filma fazendo comida e vestindo longos vestidos extravagantes com mangas bufantes e de cores claras e tons pastéis, além de se filmar cuidando da filha e saindo para as compras com o marido. Outrossim, além de influenciadora, Nara também divulga seu livro de culinária chamado *Homemade*, em que vemos estampado na capa a própria Nara Smith vestindo um longo vestido que se confunde com a toalha da mesa que está a sua frente, repleta de pratos incríveis. Simbolicamente, Nara Smith põe a mesa e ela é a mesa, em uma explícita analogia da mulher enquanto produto ou utensílio doméstico.

Embora apresentem estéticas distintas, uma voltada ao rústico campestre e a outra ao luxo minimalista e sensual, Hannah Neeleman e Nara Smith convergem em uma mesma estratégia de estetização do labor doméstico, onde a produção do alimento do zero atua como o principal motor de engajamento. Ambas tentam demonstrar que a dedicação integral ao lar é um enorme prazer, o que torna a performance em um privilégio de alto custo, possível apenas pela posse de um tempo que não é vendido no mercado de trabalho produtivo externo. Seus vídeos seguem um padrão narrativo idêntico: o silenciamento das dificuldades reais da limpeza pesada em favor de uma coreografia do cuidado, em que a voz suave, o figurino impecável e a edição rítmica transformam a rotina familiar em uma

mercadoria aspiracional. Segundo a perspectiva de Rottenberg (2018), as duas influenciadoras personificam a subjetividade do feminismo neoliberal ao apresentarem a submissão e a domesticidade não como opressão, mas como uma escolha individual de alto valor, convertendo a esfera privada em um ativo financeiro e o lar em uma vitrine permanente de produtos e ideais conservadores.

Todavia, o movimento das *tradwives* se alimenta de uma nostalgia por um tempo que talvez nunca tenha existido, os idealizados anos 50. Esse retorno ao passado pode ser visto como uma resposta à ansiedade da era digital e à precariedade econômica, se o mundo lá fora está um caos, o lar controlado e perfeito torna-se um porto seguro (Badinter, 2011). Em muitos casos, o movimento das esposas tradicionais cruza caminhos com ideologias de extrema direita e supremacia branca, pois a ideia de preservar a tradição e focar na reprodução da família branca ideal é um subtexto presente em várias criadoras de conteúdo desse nicho.

Outrossim, com um olhar mais apurado, percebe-se que apesar da imagem de donas do lar, essas mulheres são, na verdade, grandes empreendedoras digitais, elas pregam que a mulher deve estar apenas no lar mas passam horas editando vídeos, negociando parcerias e gerindo marcas, ou seja, elas são trabalhadoras do mercado digital vendendo a ideia de que não trabalham. O trabalho reprodutivo, ou seja, o trabalho doméstico e o cuidado, sempre foram invisibilizados, mas, ao mesmo tempo, essencial para a sustentação do capitalismo. Portanto, ao resgatar o ideal da dona de casa, esse papel de reprodução social volta a ser naturalizado, perpetuando as desigualdades de gênero e classe e as influenciadoras, por outro lado, lucram vendendo um estilo de vida (Federici, 2017).

Nos vídeos das *tradwives*, existem diversos comentários de mulheres expressando o desejo de um dia alcançar essa vida tradicional: “isso é tão terapêutico, meu sonho é largar a cidade e viver assim com meus filhos”; “você é uma inspiração, mostra que a maternidade pode ser leve e mágica”; “o mundo lá fora é um caos, seus vídeos são meu momento de paz”. A conta da Ballerina Farm possui uma média de 600 a 1500 comentários por post no Tik Tok, com picos de milhares em vídeos virais ou polêmicos. De acordo com dados de plataformas de monitoramento de redes sociais (Social Blade, 2026), o perfil @ballerinafarm mantém uma taxa de engajamento de aproximadamente 7,6%, esse índice é calculado com base na média de interações das

últimas vinte publicações em relação ao total de seguidores. A predominância de sentimento positivo é estimada em 80%, métrica obtida por meio de algoritmos de Processamento de Linguagem Natural (PLN), apresentando uma margem de flutuação técnica estimada entre 5% e 10% para interpretações qualitativas. As mesmas mulheres que comentam nos vídeos e aspiram ser uma *tradwife* serão o público-alvo de qualquer produto que as influenciadoras possam vender, afinal de contas, está se comprando um sonho, não um produto. Está se comprando uma solução para este mundo caótico de trabalho exaustivo, e não apenas um avental quadriculado vermelho.

Todavia, o movimento feminista irá alertar acerca do perigo deste discurso, contudo, as *tradwives* usam a linguagem do feminismo para destruí-lo, elas pregam que a verdadeira liberdade e escolha da mulher moderna é o direito de ser dependente, tratando o retrocesso como um ato de rebeldia contra o sistema de trabalho exaustivo. Alegando que estão retomando sua “energia feminina” ao permitir que seus maridos sejam “masculinos” e cumpram seu papel de homem na sociedade.

Se antes o Estado subordinava a subjetividade feminina via igreja e discurso moral, hoje, as redes sociais subordinam a mulher via algoritmo e desejo, levando as mulheres a acreditarem que subordinar-se ao núcleo familiar é uma escolha estética de alto valor, retomando assim sua “energia feminina”. É interessante perceber que as *tradwives* não se filmam lavando banheiro, não existem vídeos da Hannah Neeleman ou da Nara Smith fazendo faxina pesada, jogando água na área de serviço, esfregando o chão ou fazendo atividades realmente úteis. Em seus vídeos elas se filmam fazendo pão, fazendo queijo, se filmam fazendo um trabalho inútil, um trabalho que não precisaria ser feito, evidenciando este trabalho como um marcador social, elas estão ostentando o tempo que elas têm, o tempo que seus maridos podem lhe proporcionar por serem esposas tradicionais.

É interessante pensar acerca das estratégias que o neoliberalismo engendra para controlar as mulheres e convencê-las a cumprir com seu papel de cuidadora, de mantenedora de toda a estrutura patriarcal (Federici, 2017). O neoliberalismo sobrevive reduzindo o papel do Estado na assistência social, para que o sistema não colapse, o trabalho de cuidado, deve ser empurrado de volta para dentro de casa. É neste momento que entra a onda conservadora atual, ao promover a família tradicional, o Estado e o capital garantem que as mulheres continuem realizando gratuitamente o trabalho de

saúde, educação e alimentação que o governo parou de financiar. Conforme Rottenberg (2018), o capitalismo usa a ideia de energia feminina para despolitizar a luta feminista, em vez de direitos e salários, oferece-se à mulher a promessa de que, se ela se alinhar à sua polaridade feminina ela será cuidada.

Nesta mesma perspectiva, Badinter (2011) nos mostra como a maternidade foi, ao longo do tempo, uma forma de controle, impondo às mulheres um papel de abnegação, frisando ainda mais como o movimento das esposas tradicionais escancara a necessidade do controle dos corpos femininos. Se o operário é explorado pelo patrão, a mulher é explorada pelo operário e pelo sistema, Federici (2017) explica que o capitalismo não poderia existir sem o trabalho não pago da mulher, as trends atuais são formas de “re-domesticar” a mulher após décadas de avanços feministas, garantindo que o proletário do homem continue disponível, mas agora performando uma estética de felicidade e satisfação para a câmera.

Ademais, a arquitetura algorítmica de plataformas como o Tik Tok capitaliza sobre o engajamento massivo gerado por conteúdos neoconservadores, os quais operam uma pedagogia visual do retorno à domesticidade. Os indícios observáveis no perfil @ballerinafarm demonstram essa escala: os vídeos acumulam frequentemente de 1 a 5 milhões de visualizações em menos de 24 horas, sustentados por uma média de 600 a 1.500 comentários e centenas de milhares de curtidas por postagem. Esse fenômeno responde a padrões de viralização específicos do capitalismo de plataforma, que privilegia conteúdos de alta fidelidade visual, capazes de reter a atenção do usuário por períodos prolongados. Esse alto volume de interações não apenas reitera a posição da influenciadora no mercado, mas opera uma pedagogia visual que normaliza o controle sobre o trabalho reprodutivo.

Nesse contexto, a performance da submissão é ressignificada como um objeto de desejo e distinção, onde a ostentação de tempo e de um cuidado meticuloso funciona como um marcador de status e privilégio. Assim, a mobilização da energia feminina pelo neoliberalismo contemporâneo configura-se como uma técnica sofisticada de captura da subjetividade. Ao essencializar papéis de gênero, o sistema converte a esfera privada e os afetos em vetores estratégicos para a acumulação e a reprodução incessante do capital (Rottenberg, 2018).

Destarte, verifica-se que a atual cooptação da energia feminina pelo discurso neoliberal opera como uma tecnologia de controle dos corpos, onde a subjetividade da mulher é moldada para aceitar a invisibilidade da reprodução social. Ao estetizar a passividade e a domesticidade em plataformas como o Tik Tok, o capitalismo não apenas neutraliza o potencial subversivo do feminismo, mas reafirma a posição da mulher como o proletário do homem, cuja função primordial é garantir o equilíbrio emocional e logístico necessário à manutenção da produtividade masculina e a manutenção do Capital.

3 Considerações finais

Em suma, o fenômeno das *tradwives* e a exacerbação da estética da energia feminina não devem ser lidos apenas como uma excentricidade digital ou um simples desejo de retorno ao passado. Esta tendência revela uma profunda crise de sentido em meio às transformações socioeconômicas do capitalismo contemporâneo, onde a exaustão provocada pela dupla ou tripla jornada de trabalho feminino encontra, na domesticidade romantizada, uma promessa, ainda que ilusória, de refúgio. No entanto, como observado ao longo desta análise, essa busca por significado acaba sendo capturada pela lógica neoliberal, que transfigura o cansaço estrutural em uma nova oportunidade de consumo e performance, convertendo o trabalho reprodutivo em um ativo de marketing de influência altamente lucrativo.

A análise da Ballerina Farm e de outras influenciadoras do gênero demonstra que a simplicidade vendida nestas plataformas é, na verdade, uma mercadoria de luxo acessível a poucas, que reafirma a lógica do consumo desenfreado. Ao essencializar a energia feminina o discurso neoliberal despolitiza as verdadeiras causas da sobrecarga das mulheres, deslocando a solução de problemas coletivos, como a falta de políticas públicas de cuidado e a desigualdade salarial, para o campo da autogestão emocional e do isolamento doméstico. Assim, o que é apresentado como uma escolha de liberdade revela-se como uma reatualização da dependência econômica, agora camuflada por filtros de nostalgia e tons pastéis.

Em última análise, conclui-se que é urgente romper com a retórica da energia feminina essencialista para que se possa retomar uma autonomia feminina que seja, de fato, política e econômica. A emancipação das mulheres não pode ser encontrada na rendição a papéis de gênero tradicionais que servem apenas para isentar o Estado e o

Capital das responsabilidades com o bem-estar social. Superar a sedução estética das *tradwives* exige reconhecer que a verdadeira autonomia nasce da luta por condições estruturais que permitam às mulheres existir fora das métricas de performance, seja no mercado de trabalho, seja na performance exaustiva de um lar perfeito idealizado para o espetáculo digital.

Referências

BADINTER, Elisabeth. **O conflito: a mulher e a mãe**. Tradução de Vera Lúcia dos Santos Felipe. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BADINTER, Elisabeth. **Um Amor conquistado**: o mito do amor materno. Elisabeth Badinter; tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CASTRO, Bárbara; RETTENMAIER, Renata. **Trabalho feminino e mudanças nas famílias no Brasil** (1976-2012): uma perspectiva de classe e gênero. Cadernos Pagu, Campinas, n. 43, p. 307-339, jul./dez. 2014.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar, Brasil: 1890-1930. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

ROTTENBERG, Catherine. **The Rise of Neoliberal Feminism**. Oxford: Oxford University Press, 2018.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SOCIAL BLADE. **Ballerina Farm's TikTok Stats Summary Profile**: Social Blade, 2026. Disponível em: <https://socialblade.com>. Acesso em: 7 mai. 2026.